

## INTRODUÇÃO

### UMA HISTÓRIA IMPOSSÍVEL DE PARIS?

“Nunca vemos Paris pela primeira vez; sempre a vemos de novo...”  
Edmondo De Amicis (1878)

#### ESCREVENDO A HISTÓRIA IMPOSSÍVEL DE PARIS

Em 1975, o escritor vanguardista Georges Perec decidiu registrar o que acontecia numa só praça parisiense em menos de 24 horas distribuídas ao longo de três dias consecutivos de outubro. Na sua *Tentative d'épuisement d'un lieu parisien* (1975)<sup>1</sup> – “Tentativa de exaustão de um local parisiense” –, Perec esclarece que escolheu a Place Saint-Sulpice no 6º arrondissement para sua experiência. O local era razoavelmente bem equipado com adornos de uma cidade moderna: prefeitura, escritório da receita, delegacia de polícia, três cafés (um deles, também tabacaria), cinema, igreja histórica e famosa, editora, funerária, agência de viagens, ponto de ônibus, alfaiate, hotel, fonte, quiosque de jornal, loja de artigos religiosos, estacionamento, salão de beleza – “e muitas coisas mais”. Seu objetivo, porém, era deixar isso tudo fora do ângulo de visão e descrever o resto: “O que acontece quando nada acontece além da passagem do tempo, das pessoas, dos carros e das nuvens”.

A crônica se estende por quase sessenta páginas. É escrita num estilo conciso, lapidar e informativo.

Três crianças conduzidas à escola. Outro *deux-chevaux*\* verde-maçã.

Outra revoada de pombos na praça.

Um ônibus 96 passa e pára no ponto de Saint-Sulpice; Geneviève Serreau desce e envereda pela Rue des Canettes. Eu a chamo, batendo no vidro da janela do café; ela se aproxima para me cumprimentar.

Passa um ônibus 70.

Pára de tocar o sino da igreja.

Uma menina come metade de um bolo.

Um homem de cachimbo e valise preta.

Passa um ônibus 70.

Passa um ônibus 63.

São duas e cinco da tarde.

---

\* 2CV (dois cavalos de força), automóvel produzido pela Citroën de 1948 a 1990. (N.T.)





A experiência “termina”:

Quatro crianças. Um cão. Uma nesga de raio de sol. O ônibus 96. São duas horas.<sup>2</sup>

Os esforços de Perec em descrever de maneira “exaustiva” um local parisiense – cobrindo o equivalente a menos de um dia na vida dos lugares vazios de uma só praça de Paris – renderam um livreto.

Examinemos agora, sob o prisma de Perec, a tarefa confrontada por historiadores decididos a escrever a história de toda a cidade de Paris – e não apenas o fugaz instante na vida de uma de suas praças. Em geral, define-se História como a disciplina que registra os acontecimentos do passado (e não apenas a passagem “do tempo, das pessoas, dos carros e das nuvens”). E na história de Paris realmente muita coisa aconteceu. Por isso, nós historiadores, ao escrever sua história, tentamos alcançar bem mais do que o objetivo de Perec de registrar, em apenas um local, “o que acontece quando nada acontece”. Entretanto, ao nos debruçarmos sobre o assunto, nos deparamos com certos “fatos” assustadores (listados de modo perecquiano)<sup>3</sup>:

número de praças: 670  
número de ruas e bulevares: 5.975  
extensão das vias públicas: 5.959 quilômetros  
número de prédios municipais: 318  
número de fontes: 536  
número de monumentos públicos: 40.000  
número de lojas: 62.546  
número de ônibus: 4.364  
número de rotas de ônibus: 275  
número de pontos de ônibus (sem contar os subúrbios): 1.754  
número de táxis: 14.900  
número de semáforos: 10.800  
número de cafés: 2.050  
número de cabeleireiros: 2.845  
número de salões de beleza: 67  
número de casas funerárias: 157  
número de pombos: 60.000  
número de cães: 200.000  
número de sanitários públicos: 498  
extensão de túneis subterrâneos visitáveis: 300 quilômetros  
número de indivíduos residentes na cidade de Paris: 2,1 milhões  
número de residências particulares: 1 milhão e 100 mil  
duração da história: mais de 2.000 anos (com exceção da era pré-histórica)

possível número de indivíduos que já moraram em Paris ou apenas a visitaram, cada um com sua própria história: ...incontáveis

A partir dessas estatísticas um tanto quanto alucinantes – de praças, ruas, casas, ônibus, pombos, cães, pessoas etc. – é tentador concluir: escrever a história de Paris é uma aventura impossível (por certo, à maneira de Perec). Mas essa não é a única lição a ser tirada de *Tentative d'épuisement*. Sem dúvida, não se pode escrever a história exaustiva de uma cidade tão antiga, diversa e complexa como Paris – mas de certo modo isso já se sabia. Nenhuma história seja qual for nunca inclui mais do que omite. Um número infinito de histórias de Paris é possível – e um número quase infinito já foi escrito realmente. Como Piganiol de la Force, autor de um dos primeiros guias turísticos, observou em 1765: “Estaria muito enganado quem visse o vasto número de livros dedicados à história de Paris (...) e imaginasse que nada mais havia a ser dito”.<sup>4</sup> (O meu esforço em identificar o número de livros na Biblioteca Nacional francesa com as palavras-chaves *histoire* e *Paris* fez o pobre computador desistir de tão exausto.) Mas nenhuma obra dessa série infinita pode ter a ambição de contar toda a história – de fato o propósito da heróica microcrônica de Perec é salientar a sublime impossibilidade de realizar essa tarefa de forma “exaustiva”, mesmo quando o relato se restringe a um único lugar no decorrer de um único dia.

A história de Paris, portanto, pode ser impossivelmente rica e diversa demais para ser abarcada numa só narrativa. Mas abarcá-la é o que vou tentar fazer neste livro. Nesta Introdução, procuro dar uma idéia menos do que incluí ou omiti e mais dos critérios em que baseei minhas decisões. Ao fazer isso inspirei-me em Georges Perec e na sua tentativa de escrever uma história “impossível” de Paris.

#### MEMÓRIA E MITO

“Paris já foi tão descrita”, observou o barão de Pöllnitz em 1732, “e tanto já se ouviu falar dela, que a maioria das pessoas sabe como ela é sem nunca a ter visto.”<sup>5</sup> “Nunca vemos Paris pela primeira vez”, opinou o escritor italiano e turista parisiense Edmondo De Amicis no final do século XIX, “sempre a vemos de novo...”<sup>6</sup> Como esses comentários sugerem, o envolvimento com Paris no passado tendia a ser carregado de expectativas. Para De Amicis, essas expectativas provinham do vasto conhecimento da literatura francesa, boa parte da qual tem como palco, como dizia Balzac, “a cidade dos mil romances”.<sup>7</sup> Em outras palavras, De Amicis não podia, por exemplo, visitar a catedral de Notre-Dame ou os esgotos da cidade sem pensar em Victor Hugo, nem o Jardim de Luxemburgo e tampouco o Quartier Latin sem uma sensação do *Cenas da vida boêmia*, de Murger; nem o cemitério Père Lachaise sem refletir sobre A

*comédia humana*, de Balzac, tampouco os *quais* e pontes sem evocar a poesia de Baudelaire.

A idéia de que expectativas culturais pudessem atrapalhar a experiência de conhecer Paris “pela primeira vez” está longe de ser uma percepção do fim do século XIX. “Um homem pode morrer sem nunca ter visto Paris”, afirmou Konstantin Pausovsky. “E, no entanto, ele terá estado lá e a terá visto nos sonhos e na imaginação.”<sup>8</sup> Os viajantes medievais também tinham expectativas ao se aproximar da cidade pela “primeira” vez: muitos esperavam uma Jerusalém ou uma Babilônia (e outros, uma mistura de Sodoma e Gomorra). Por sua vez, os visitantes dos séculos XX e XXI têm bagagem cultural ainda maior, acumulada a partir de uma sucessão infinita de influências: pintores impressionistas, poetas surrealistas, filósofos existencialistas, escritores de ficção policial, cineastas clássicos, fotógrafos urbanos, cartões-postais turísticos – e outras histórias de Paris.

A idéia destacada por De Amicis de que a experiência da cidade é refratada por expectativas culturais sem dúvida se aplica a outros locais históricos e cidades importantes. Se no caso de Paris parece sempre ter sido assim, e talvez até mais do que em outros destinos, isso se deve parcialmente ao fato de que a cidade há muito desfruta de status mítico. Os historiadores nos acostumaram com a idéia de uma Paris mitificada, a cidade da modernidade do século XIX. A cidade que Napoleão III e o barão Haussmann redesenharam completamente nas décadas de 1850 e 1860 forneceu a várias gerações o modelo de modernidade que outras cidades se esforçavam para alcançar – e no qual ainda habitamos quando fisicamente presentes na cidade.<sup>9</sup> Mas a história parisiense foi mitificada bem antes de Haussmann ter nascido. Por exemplo, uma narrativa originada no século VIII sugeria que Paris era o resultado da diáspora troiana após a queda da cidade perante os gregos. Pelo menos da Alta Idade Média em diante, Paris tem sido sempre miticamente moderna. A convenção medieval de Paris como “a oficina especial da sabedoria”, a concepção pós-renascentista de Paris como a nova Roma e a noção iluminista e revolucionária de Paris liderando o mais alto patamar da civilização são três exemplos anteriores ao mito da Paris “moderna” e haussmannizada do século XIX. Parte do mito de Paris vem do fato de a cidade ter gerado tantos mitos sobre si própria.

Se Paris sempre foi moderna, também sempre foi histórica. A crônica de Perec sobre a “passagem do tempo, das pessoas, dos carros e das nuvens” omite o que a maioria das pessoas familiarizadas com Paris talvez saiba a respeito da Place Saint-Sulpice antes mesmo de conhecê-la pessoalmente. Ou seja: dominando a praça, ergue-se uma das mais interessantes e históricas igrejas da cidade. Na verdade, a igreja é um exemplo notável daquilo que o influente grupo de historiadores liderados por Pierre Nora em anos recentes

tem chamado de “local de memória” – *lieu de mémoire*.<sup>10</sup> Com esse termo, Nora designa instituição ou local (não necessariamente um prédio) em que se focou a consciência histórica do povo francês e que ao longo do tempo recebeu contínuas incrustações da memória coletiva. É digno de nota que a grande maioria dos *lieux de mémoire* a que Nora e colegas dedicaram sua erudição sejam prédios, eventos ou instituições parisienses: o Panthéon, o funeral de Victor Hugo, a Exposição Colonial de 1931, o Mur des Fédérés, o Louvre, as estátuas parisienses, a Académie Française, o Collège de France, o Palais-Bourbon, a catedral de Notre-Dame, a basílica do Sacré-Coeur, a Torre Eiffel etc. É tentador concluir que a própria Paris é um gigantesco “local de memória”, não só para os parisienses, nem mesmo só para o povo francês. O argumento é ainda mais irresistível quando se alarga a perspectiva e se consideram os incomparáveis museus e galerias da cidade, que desde o século XIX têm servido de importante repositório da cultura artística ocidental.

Se a memória cultural jaz armazenada e codificada no ambiente construído da cidade, então é pertinente lembrar que se trata de um ambiente habitado. Afinal de contas, seria um tanto rude excluir os parisienses de sua própria história. Vem dos gregos a noção de que uma cidade é ao mesmo tempo local e comunidade. Desse reconhecimento binário deriva a conclusão de que a história de uma cidade é o resultado da interação entre os indivíduos e o tempo, entre a ecologia e a comunidade. E nisso podemos permanecer fiéis ao projeto de Perec, tomando um local físico e incluindo como fonte de informações tanto indivíduos (“pessoas”) quanto objetos cuja passagem constitua uma história, sejam eles naturais (“nuvens”) ou fabricados (“carros”). O pequeno estudo de Perec é útil sob outro ponto de vista: mostra como os microeventos da praça servem de contraponto à influência da praça sobre esses eventos. Por exemplo: a passagem do ônibus 96 faz parte da história da praça, mas a praça também faz parte da história do ônibus 96. Do mesmo modo, os indivíduos que atravessam a praça e seguem livremente seus próprios interesses, encarados de outro ângulo, são produtos da praça como local de sociabilidade comunitária e fluxo de trânsito. A história de Paris é a narrativa de uma cidade que viria a ser chamada de Paris e daqueles que nela viveram ou, como os passageiros do ônibus 96 de Perec, apenas passaram por ela.

O experimento de Perec também nos lembra que os indivíduos cuja presença é registrada na praça não parecem constituir uma comunidade homogênea. Ao contrário, constituem uma coleção aleatória de indivíduos que têm – pelo que podemos julgar a partir da evidência fugaz de que dispomos – vidas, objetivos, intenções e destinos muito diversos. Para Perec, não existe o *saint-sulpicçois* médio. Essa importante conclusão nos compele, ao escrevermos uma história de Paris, a não pressupor a existência de um parisiense

médio, nem a construir uma narrativa – igualmente ruim – em que uma comunidade parisiense pensa, age ou reage em uníssono. Isso ficaria muito longe da realidade.

#### SEM PARISIENSES TÍPICOS

O poder e o status sociais nunca foram simplesmente distribuídos entre os moradores de uma cidade. Um grupo de elite dominante pode ter a pretensão de incorporar de certa forma a comunidade ou ter direitos urbanos especiais – na Lutécia, isso aconteceria por meio da cidadania romana; na Paris do século XIX, por meio de um estilo de vida e posse burgueses. Contudo, somente historiadores indolentes escreveriam sem levar em conta as populações nativas e os escravos da Era Romana, ou os proletários, por exemplo, no período de dominação burguesa. De fato, esses grupos, que formavam grande parcela da população da cidade, contribuíram intensamente para a sua história. Justamente por isso, o “parisiense médio” sempre foi senhor e servo, burguês e trabalhador, capitalista e proletário, homem e mulher.

Com efeito, o “parisiense médio” é um mito de outra forma. Ele ou ela muito provavelmente nasceu fora da cidade, ou seus pais vieram de outro lugar. O parisiense legítimo, nascido e criado na cidade – *le vrai titi parisien* –, é fenômeno minoritário na história de Paris. Até o final do século XIX, em Paris, como na maioria das principais cidades, o número de mortes superava o número de nascimentos, e o crescimento populacional dependia da atração que a cidade exercia sobre os imigrantes. Em qualquer momento de sua história, portanto, algo entre metade e três quartos dos “parisienses” eram não-parisienses. Embora há mais de um século a relação entre nascimentos e mortes tenha mudado, outros fatores – as atrações culturais de Paris, sua importância para fins de educação e desenvolvimento profissional, seu papel como pólo empregador – hoje contribuem para produzir o mesmo efeito do que poderíamos chamar de “forasteiro médio”.

O que vale para o homem comum vale também para aquele que se destaca. Importantes figuras históricas com grande influência na história de Paris foram, via de regra, tanto parisienses quanto não-parisienses. Júlio César era romano. A santa padroeira da cidade, Genoveva, era mais provavelmente de sangue germânico (como Clóvis, naturalmente). Filipe Augusto nasceu em Gonesse, Francisco I em Cognac, Henrique IV em Pau, Luís XIV em Saint-Germain-en-Laye, e Luís XV e XVI em Versalhes. Robespierre e Danton eram ambos provincianos. Napoleão veio de uma ilha mediterrânea que foi genovesa até 1768 (um ano antes de seu nascimento). O barão Haussmann nasceu em Paris, mas foi criado na Alsácia e tinha sotaque alemão. Eiffel era borgonhês e Toulouse-Lautrec, albigense. Georges Clemenceau era do departamento da

Vendéia e François Mitterrand, do Charente. Victor Hugo vinha de Besançon, enquanto Georges Simenon, o criador do comissário Maigret, era belga. Edith Piaf pelo menos era parisiense de nascença. Também Jacques Chirac, se é que isso tem relevância. Eles constituem uma pequena minoria.

Se os forasteiros têm sempre desempenhado papel crucial na história parisiense, os próprios parisienses têm muitas vezes comentado que seus cidadãos se comportam como forasteiros em sua própria história. Por exemplo, no romance *Zazie no metrô* (1959, no ano seguinte transformado em filme por Louis Malle), Raymond Queneau relata as aventuras de uma garotinha numa viagem de fim de semana a Paris, num misto de *Alice no País das Maravilhas* e *Inferno* de Dante (com pitadas de *Ulisses*, de James Joyce). Como Alice, Zazie encontra dificuldades de orientação. Contribui para isso o fato de que os parisienses que ela encontra não têm muito claro o significado dos aspectos mais óbvios da paisagem urbana onde residem. Conseguem com certa dificuldade reconhecer a Torre Eiffel, mas sempre confundem o Panthéon com o Hôtel des Invalides, ou a Sacré-Coeur, ou a Gare de Lyon, ou mesmo talvez as casernas de Reuilly, e trocam a Sainte-Chapelle pelos tribunais de comércio.<sup>11</sup> O sábio Queneau, observador minucioso dos modos parisienses, destaca aqui um aspecto da história de Paris que todo historiador da cidade vai identificar. A maioria dos parisienses no passado – mas esse provavelmente é um traço bastante universal entre moradores urbanos – possuía uma noção incerta sobre a forma e a trajetória passada de sua cidade. É como se tivessem simplesmente esquecido ou nunca aprendido o significado dos locais de memória a seu redor. Os parisienses do passado eram menos cartesianos do que Pierre Nora e sua escola nos levariam a crer.

Talvez essa tendência à quase amnésia derive do status de forasteiro do parisiense “médio”. Pode também estar vinculada, em geral, ao forte provincianismo de muitos moradores urbanos. Até relativamente pouco tempo atrás, muitos moradores das margens esquerda e direita orgulhavam-se de nunca terem cruzado o Sena. Observadores dos séculos XIX e XX registraram a tendência de moradores de Belleville – e inclusive residentes do Faubourg Saint-Antoine – de falar em “ir a Paris”, manobra não excessivamente complexa que envolvia cruzar a Place de la Bastille e caminhar mais ou menos na direção oeste. Da mesma forma, o ar de aldeia de muitos bairros parisienses contribuiu para o triunfo de uma mentalidade paroquial, que se evidencia sem dúvida na Place Saint-Sulpice de Perec. A tendência de muitos imigrantes de se manterem fiéis à identidade do torrão natal também pode contribuir nesse processo. No fundo, todo parisiense é um orgulhoso auvernense, tunisiano ou bretão.

A noção dos parisienses sobre o tempo de Paris tem sido com frequência tão confusa quanto a sua noção sobre o lugar, a acreditarmos nos cronistas,

arqueólogos e historiadores da cidade. Por exemplo, até o século XVIII, era crença geral que os banhos romanos no Quartier Latin e a prisão de Châtelet na Île de la Cité eram obras de Júlio César. Essas estimativas erram, respectivamente, por cerca de duzentos e novecentos anos. Quando os construtores parisienses usaram as pedras da muralha de Filipe Augusto para construir novas defesas no século XIV, afirmaram que as muralhas teriam sido construídas para resistir aos sarracenos (na verdade, eles jamais pisaram sequer nos arredores da cidade). Esse fenômeno é tão moderno quanto antigo. Em seu livro *Paris insolite* (1952), Jean-Paul Clébert expressou admiração pois mesmo “após a quantidade enorme de livros – bons livros – dedicados à Paris antiga e moderna, o morador de Paris permanece ignorante sobre sua cidade e a trata com desdém, ou então limita seus pensamentos e comentários (sempre idênticos) à poesia dos *quais* do Sena”.<sup>12</sup> Então, a história parisiense é certamente sobre memória. Mas é também, como *Zazie* pode nos lembrar, sobre esquecimento.

#### PODER, RESISTÊNCIA E AFETO

O primeiro relato que temos da cidade de Paris baseado em experiência direta foi escrito pelo imperador Juliano, morador da cidade de *Lutetia* (nome romano de Paris) em 358 e de novo em 360-361. Seu relato começa “*Cara Lutetia...*” (“Minha querida [ou “doce”] Lutécia...”) e elogia o aspecto agradável do local (inclusive o clima e os excelentes vinhos).<sup>13</sup> Durante séculos, Roma e Londres atraíram hinos e louvores, mas também causaram bastante desapontamento e desilusão. Nova York pareceu ganhar importância apenas no século XX. Se você quiser, pode conhecer Nápoles e morrer, mas não precisa ver Paris com os próprios olhos, pois, como explicou De Amicis, você já a viu em imaginação – e provavelmente passou a amá-la.

O afeto parece mais essencial à identidade histórica de Paris do que à de qualquer outra cidade, mesmo as de importância histórica universal. A frase de Juliano é apenas a primeira de uma extensíssima lista de citações em que as pessoas que conheceram a cidade expressaram sentimentos de afeto por ela. Mesmo quando os julgamentos são ambíguos (e todas as cidades tendem a sofrer nas mãos dessa tendência árcade), a balança pende à afeição e não ao desagrado. A maioria seguiu o imperador Carlos V do Sacro Império Romano Germânico, que, em visita no ano de 1540, declarou: “Paris é um mundo” – e considerou que esse mundo poderia conter tanto bem quanto mal.<sup>14</sup> Para Rabelais, Paris era “uma cidade ruim para morrer”, mas boa para viver. Montaigne declarou: “Amo-a com ternura, com todas as suas imperfeições”; Voltaire a considerava “metade ouro, metade sujeira” e Goethe, “a cabeça do mundo”. Balzac reconheceu que muitos julgavam a cidade “um prodígio monstruoso, uma coleção espantosa de movimentos, máquinas e idéias”, enquanto George Sand co-

mentou com admiração sobre seus “ares, aspectos e sons” inigualáveis. Victor Hugo a saudava como “o ponto de convergência da civilização”, e o visitante inglês Matthew Arnold considerava “a vida livre, alegre e agradável” de Paris a pátria de *l’homme moyen sensuel*.<sup>15</sup>

Por sua vez, o poeta Charles Baudelaire lamentou que a cidade não pudesse ser preservada intacta. “A velha Paris acabou (A forma duma cidade / Muda mais rápido, ah!, que o coração de um mortal).”<sup>16</sup> Com essas palavras, cunhou o lema da nostalgia parisiense, mas é improvável que tenha criado o fenômeno. A história da nostalgia parisiense é tão antiga quanto a história da própria Paris. Presente na narrativa do imperador Juliano, fica evidente em uma das mais remotas descrições detalhadas da cidade que herdamos da Idade Média – a “Descrição da cidade de Paris”, de Guillebert de Metz, documento do início do século XV. Paris estava “na flor da idade”, ao que parece, na juventude do autor (Ah! E quando mais seria?).<sup>17</sup> Sobre esses desejos nostálgicos por *le Vieux Paris*, toda uma indústria turística literária seria construída no século XX. Vide Hemingway, Kerouac, Stein, Miller...

Tantas têm sido as arrebatadas manifestações de afeto pela cidade ao longo do tempo e vindas de tão largo espectro de indivíduos, que se torna importante não perder de vista que Paris também é um local onde os poderosos buscaram deixar uma marca indelével. Afinal, Juliano era comandante militar e acabou imperador romano, e o desenvolvimento da cidade no período final da Idade Antiga deveu-se em grande parte à posição estratégica da cidade em relação à fronteira bárbara. Os francos também buscaram transformar Paris numa expressão do seu poder – no que foram seguidos por praticamente cada regime desde então (com exceção do regime de Vichy). Quase nenhum governante poderoso ou chefe de estado digno de nota *não* quis impor à cidade a força de sua autoridade, em especial por meio de edificações espetaculares e monumentais.

Como consequência dos enlaces com o poder, a face da cidade carrega vestígios de sistemas de poder hoje obsoletos: a catedral de Notre-Dame e outros prédios eclesiásticos na Idade Média, assim como durante a Contra-Reforma; o Louvre, palácio de inúmeros monarcas; as praças reais de Henrique IV, Luís XIII e Luís XIV; a Place de la Concorde, a École militaire e o Panthéon de Luís XV; os acréscimos imperiais de Napoleão I; as arcadas e galerias de Luís Filipe; os bulevares e as estações ferroviárias de Napoleão III e Haussmann; a Torre Eiffel e a Sacré-Coeur do começo da Terceira República; e, mais recentemente, os grandes projetos de Georges Pompidou, François Mitterrand e Jacques Chirac na Quinta República. A lista é infundável.

Embora muitos monumentos parisienses e construções urbanas estejam sobrepostos ou justapostos, no todo constituem uma imagem surpreendentemente coerente e inteligível da cidade. A abertura de Paris por meio dos

bulevares – mesmo antes do feito monumental de Haussmann nos anos 1850 e 1860 – deu à cidade o potencial para desenvolver sistemas de transporte que facilitam a mobilidade coletiva e ao mesmo tempo deixam tempo e espaço para a perambulação individual. Ao contrário de muitas outras cidades européias, Paris escapou de sofrer destruição maior em guerras recentes e evitou assim as complicações advindas desse tipo de tragédia. Paris cresceu e se irradiou a partir de seu coração – fato evidente inclusive para o mais desatento dos visitantes. A Lutécia romana ficava mais ou menos restrita a um único arrondissement central. A cidade medieval situava-se principalmente no âmbito dos arrondissements centrais da cidade moderna (1<sup>o</sup> ao 6<sup>o</sup>). A cidade da Renascença e do começo da Idade Moderna estendeu-se e incluiu desde o 8<sup>o</sup> até o 11<sup>o</sup> arrondissement. A cidade industrializada a partir dos anos de 1860 espalhava-se por todos os vinte arrondissements. Durante a maior parte do século XX, Paris passou a lidar melhor com sua periferia (*banlieue*).

Mas se Paris tem sido um preeminente local em que o poder imprimiu sua marca, é uma cidade tanto de barricadas quanto de bulevares e monumentos, de manifestações tanto de apoio quanto de resistência à autoridade. As descrições oficiais geralmente defenderam a idéia de que os parisienses são muito alegres, serenos e dóceis. O clichê da obediência satisfeita remonta à Idade Média e era repetido por fontes abalizadas (inclusive o escritor parisiense Louis-Sébastien Mercier) até poucos meses antes da tomada da Bastilha em 1789. Na verdade, os registros históricos indicam traços um tanto mais estrepitosos da sociedade parisiense no passado. É de se presumir que por trás dos assassinatos e massacres da Guerra dos Cem Anos, das Guerras de Religião, da Fronde, do Terror de 1792-1794 e das *journées* revolucionárias de 1830, 1848, 1851 e 1871 não estava apenas a *joie de vivre*. Por sua vez, não faz muito tempo que as barricadas – admitidamente, nas aparições mais recentes, uma forma de resistência tão simbólica quanto militar – foram erguidas em fúria e em bom número, nos eventos de Maio de 1968. Sua respeitável história começou há meio milênio. A violência coletiva é tão parisiense quanto o afeto e a nostalgia.

A resistência ao poder e à autoridade que pulsa no interior da cidade pode se manifestar – e já se manifestou – de inúmeras maneiras. Por vezes, os parisienses saltaram para trás das barricadas, mas noutras ocasiões preferiram empregar as “armas dos fracos”<sup>18</sup> – a prática de pequenos crimes, a recusa à aceitação submissa dos locais de memória da cidade (o que inclusive às vezes resulta, como sugeriu Queneau, no esquecimento daquilo que esses locais são ou representam), um *je-m’en-foutisme* bem exercitado, um dar de ombros, um erguer de sobrancelhas. Vários autores, em especial depois de Louis-Sébastien Mercier e Charles Baudelaire, enfatizaram a nítida tensão dos indivíduos que

percorriam as ruas de uma cidade transformada pelo poder e pela autoridade, mas retinham um senso interior de alienação e distanciamento dos sinais de poder inscritos na cidade. As descrições úteis do *flâneur* – o alerta passeador urbano – de Baudelaire construíram-se ao redor dessa noção.<sup>19</sup> O crítico e teórico alemão Walter Benjamin, cujos textos são um convidativo reservatório de erudição para todos os historiadores de Paris, dedicou a vida à idéia. Além disso, sociólogos urbanos como Henri Lefebvre, situacionistas radicais e escritores pós-estruturalistas como Michel de Certeau concentraram o foco de suas análises na habilidade dos indivíduos de resistir aos significados planejados e impostos de uma cidade e de inventar seus próprios significados.<sup>20</sup> As tensões entre a imposição da autoridade e as variadas expressões de resistência engajada – entre poder e amor, entre comunidade e individualismo – aparecem como traços recorrentes da história parisiense. E não é necessário conhecer a Grande Teoria Continental para perceber o fato. Na verdade, basta seguir uma das peregrinações malucas de Georges Perec (por exemplo: fazer o percurso da igreja de Saint-Eustache, em Les Halles, até a igreja de Saint-Paul, no Marais, percorrendo apenas ruas cujos nomes comecem com a letra “P”); ou observar o comissário Maigret de Georges Simenon solucionar um de seus casos mais torpes; ou meditar sobre os significados do metrô parisiense com o antropólogo Marc Augé (“tomar o *métro* é em certo sentido realizar uma celebração ritual de culto aos ancestrais”); ou, ainda, ler as perambulações selvagememente imaginadas por Richard Cobb na Paris da metade do século XX para entender o porquê do hábito.<sup>21</sup>

#### TEMPO E ESPAÇO: UM GUIA DO USUÁRIO

No início da década de 1990, arqueólogos que faziam escavações na região de Bercy no 12º arrondissement encontraram canoas pré-históricas que datavam de quatro a cinco mil anos antes de Cristo. Os jornais anunciaram orgulhosos que mais dois ou três milênios acabavam de ser acrescentados à história de Paris. Porém, em que sentido a Bercy pré-histórica seria parte de Paris? Paris nem mesmo existia naquele momento histórico. Bercy só foi incorporada à cidade pelas anexações de 1859-1860, e a verdade é que sempre foi parte relegada do 12º arrondissement, do qual os parisienses sempre quiseram se livrar. Apenas na década de 1990 a área de fato passou a fazer parte da urbanização formal que promete incorporá-la à comunidade parisiense.

O enigma de Bercy (Paris/Não-Paris) nos força a aceitar a abordagem que – como a maioria dos historiadores de Paris – acabei adotando neste livro. Ou seja, usei o termo Paris de forma extremamente flexível, com anacronismo suave, mas nítido (e sem a tediosa convenção de colocar entre aspas). Por exemplo, a Lutécia romana cobria oito hectares e em sua totalidade abrangia

pouco mais do que a área do 5º arrondissement dos dias de hoje. Todavia, ao escrever sua história, minha tendência foi considerar parisiense quase tudo que se encontra dentro dos limites dos 10.500 hectares que (desde a Segunda Guerra Mundial) compõem a Paris contemporânea e que, desde a década de 1960, acabaram circundados pelo *boulevard périphérique*.

É nesse movimento cíclico que estarei (não sem certa inquietude) comentando Paris geográfica, histórica e anacronicamente. Essa estratégia evita a opção purista em demasia de apenas falar de Paris conforme a área formalmente delimitada em um instante específico do passado – como se, por exemplo, só pudéssemos incluir Montmartre na história de Paris após sua incorporação à cidade no século XIX. A estratégia tem a vantagem de realçar a expansão de Paris ao longo do tempo. Mas é uma ficção, ainda que benigna e provavelmente inevitável. No mesmo espírito, adotei a conveniente convenção do sistema de arrondissements, introduzido apenas em 1860, ao identificar locais mencionados no texto em qualquer período. Claro, é ridiculamente anacrônico localizar a catedral de Notre-Dame medieval, por exemplo, no 4º arrondissement, que inexistia na Idade Média. Mas isso facilita a tarefa do leitor de interpretar a história da cidade por meio da sua geografia – e vice-versa.

Decidi contar a história de Paris em ordem cronológica. Os capítulos da narrativa evoluem conforme a cronologia da cidade de Paris desde os primórdios até... o futuro. Mas procurei, da mesma forma, intrincar os tópicos e alterar dimensões, incluindo em cada capítulo caixas destacadas que pulam a estrutura cronológica. A função dessas caixas é atuar como teclas de *close*, *fast-forward* ou *rewind* – aproximando, avançando ou retrocedendo a narrativa. Permitem que a história de um indivíduo, instituição ou monumento fuja à janela cronológica dos capítulos e seja acompanhada no tempo – a *longue durée*, como diriam os historiadores franceses.<sup>22</sup> A Torre Eiffel, por exemplo, foi construída dentro do período coberto no capítulo 9. Mas ela ainda não desapareceu da história de Paris, como os leitores muito provavelmente já devem ter percebido. Sua história ilumina a história da cidade nos séculos XX e XXI tanto quanto no final do século XIX. De modo semelhante, o destaque sobre Montfaucon (capítulo 3) realça o local ocupado por esse patíbulo medieval na imaginação parisiense ao longo dos séculos – culminando com sua metamorfose por Haussmann e Napoleão III no parque “neo-suíço” Buttes-Chaumont (do qual os surrealistas poeticamente se apropriaram no início do século XX). Igualmente, o destaque sobre o Vél’ d’Hiver (capítulo 11), o velódromo onde recordes mundiais de ciclismo foram batidos – e que serviu de armazém para reunir os judeus capturados em 1943 antes de serem deportados –, dá a deixa para comentar sobre a posição ocupada pelos judeus em Paris desde o tempo dos merovíngios até a Quinta República. Ao examinarmos a proto-*haute-*

*couturière* Rose Bertin (capítulo 6), podemos vislumbrar o surgimento do consumismo na Paris do século XVIII – além do desabrochar de Paris como a capital da moda nos séculos XIX e XX.

As caixas em destaque focalizam uma série de fenômenos que vão do grandioso ao humilde e do memorável ao esquecível; desde a Torre Eiffel e o Louvre até um café (o Procope), um restaurante (o Grand Véfour) ou um mictório público (a *vespasienne*). De certa maneira, esses fenômenos podem ser entendidos como “locais de memória”, mas com uma advertência importante: meu foco será tanto esquecer – e às vezes escolher o esquecimento – tão ativamente quanto recordar e celebrar. A arena romana, por exemplo – as Arenas de Lutécia (capítulo 1) –, é um dos grandes não-monumentos de Paris, hoje mais playground do que sítio histórico pouco visitado, a respeito do qual os parisienses resolveram não fazer muito alarde, presumivelmente porque não é grandioso o suficiente, ou porque não se encaixa nas versões recebidas e consagradas de sua história. A muralha de Filipe Augusto (capítulo 2) poderia ser lembrada – e de fato foi muito importante na estruturação da topografia e da memória parisienses a partir da Alta Idade Média – mas é praticamente invisível na superfície. A Cour des Miracles (capítulo 5) – refúgio da mendicância organizada no século XVII – provavelmente nem mesmo existisse como espaço físico distinto, embora as autoridades policiais de Luís XIV reconhecidamente a tenham combatido.

Ao pairar acima do curso da narrativa e focalizar esses fenômenos mesmo contra a textura cronológica, quero fornecer um modo de intrincar a narrativa como um todo. Não penso que desse ou de qualquer outro modo eu tenha esperança de escrever uma história tão “exaustiva” de Paris quanto a que Georges Perec logrou fazer (ou, quem sabe, malogrou fazer com êxito) em relação à Place Saint-Sulpice. Inevitavelmente vou excluir mais do que posso incluir. Desejo, porém, que a exemplo da Place Saint-Sulpice, o livro resultante, apesar de todas as omissões, seja interessante o suficiente para conseguir uma recomendação do guia *Michelin*: *vaut le détour* [vale ir até lá].